



A fronteira da poesia e a poesia da fronteira: hospitalidade nos versos de Emmanuel Marinho

La frontera de la poesía y la poesía de la frontera: hospitalidad en los versos de Emmanuel Marinho

Stelamaris da Silva Ferreira¹

Resumo: Hospedar o outro em mim, ser hóspede do outro: o trânsito da fronteira. Na fronteira sul-mato-grossense, mais precisamente na cidade de Dourados, o poeta Emmanuel Marinho escreve seus versos sobre si, sobre o outro, sobre a própria poesia e sobre o mundo. Grande parte de suas obras se compõem de escritas sobre o sujeito sul-mato-grossense e o indígena, ambos relegados à margem, principalmente o indígena que ainda sofre com o preconceito e o desprezo da sociedade. Se para os sul-mato-grossenses, o preconceito vem de fora do estado, o indígena sofre constantemente a cisão e o estigma vindo de fora, mas também vindo de dentro do próprio lócus do qual faz parte. Este trabalho, portanto, tem por objetivo lançar olhares para algumas poesias de Marinho que representam os indígenas, observando como são colocados em cena e como a hospitalidade se concretiza ou não; como o preconceito, a desumanidade, as explorações e a insensibilidade minam a hospitalidade e se opõem à sua realização. Para (re)pensar sobre como se dá (ou não) o acolhimento do outro em solo fronteiriço realizar-se-á leituras de poemas das obras *Cantos de terra* (2016), *Satírico* (2017) e *Margem de papel* (2018) à luz de noções sobre “hospitalidade” no texto “Anne Dufourmantelle convida Jacques a falar da hospitalidade”, de Jacques Derrida (2003), em “O íntimo e o êxtimo”, de Juliano Garcia Pessanha (2018), no ensaio “Memórias subalternas latinas”, de Edgar Cêzar Nolasco (2013) e no capítulo “Desobediência epistêmica, pensamento independente y liberación descolonial”, de Walter Mignolo (2001), de modo a pensar essa região sul-mato-grossense e as vidas e sensibilidades que dela emergem e nela sobrevivem.

Palavras-chave: Emmanuel Marinho; poesia; indígena; hospitalidade.

Resumen: Hospede al otro en mí, ser el invitado del otro: el tráfico fronterizo. En la frontera de Mato Grosso do Sul, más precisamente en la ciudad de Dourados, el poeta Emmanuel Marinho escribe sus versos sobre sí mismo, sobre el otro, sobre su propia poesía y sobre el mundo. Gran parte de su trabajo consiste en escritos sobre el sujeto de Mato Grosso do Sul y los indígenas, ambos relegados a los márgenes, especialmente los indígenas que aún sufren prejuicios y desprecio de la sociedad. Si para los individuos de Mato Grosso do Sul, el prejuicio proviene del exterior del estado, la persona indígena sufre constantemente la división y el estigma del exterior, pero también del interior del lugar del que forma parte. Este trabajo, por lo tanto, tiene como objetivo echar un vistazo a algunos de los poemas de Marinho que representan a los indígenas, observando cómo se ponen en escena y cómo se realiza o no la hospitalidad; como prejuicio, la inhumanidad, la explotación

¹ Mestranda em Estudos de Linguagens na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. E-mail: Stelamaris100@gmail.com.

I Encontro de Pesquisas em Linguística e Literatura dos Programas de Pós-graduação em Letras da UEMS/CG – *Letras Compartilhadas*

y la insensibilidad socavan la hospitalidad y se oponen a su realización. Para (re) pensar en cómo ocurre (o no) la recepción del otro en suelo fronterizo, se leerán poemas de las obras *Cantos de terra* (2016), *Satírico* (2017) y *Margem de Papel* (2018) a la luz de nociones sobre “hospitalidad” en el texto “Anne Dufourmantelle convida Jacques a falar da hospitalidade”, por Jacques Derrida (2003), en “O íntimo e o êxtimo” (2018) de Juliano Garcia Pessanha, en el ensayo “Memórias subalternas latinas”, por Edgar Cézár Nolasco (2013) y en el capítulo “Desobediencia epistémica, pensamiento independiente y liberación descolonial”, por Walter Mignolo (2001), para pensar en esta región de Mato Grosso do Sul y las vidas y sensibilidades que emergen de él y sobreviven en él.

Palabras clave: Emmanuel Marinho; poesia; indígena; hospitalidade.

1. *Introdução*

Desde os nossos primeiros contatos com o mundo somos hospedados. Primeiro, pela nossa mãe quando passamos a habitar seu útero. Desta primeira morada, não guardamos memórias, mas saberemos muito tempo depois, que a mesma nos alimentou, nos protegeu e nos preparou para virmos para o mundo: nossa segunda e mais duradoura habitação. Neste mundo, as ramificações do que entendemos por hospitalidade se aumentam e se complexificam. Os espaços de nossas moradias e hospitalidades vão se engendrando a contextos familiares, políticos e sociais e humanos. Hospedam-nos nas casas de nossos pais, de nossos avós, tios, amigos, de pessoas desconhecidas. Hospedam-nos em cidades e em países desconhecidos. Mas, existe outra esfera da hospitalidade na qual o espaço perde sua superioridade para dar lugar ao sentimento, pois na hospitalidade não está em jogo somente o anfitrião, o hóspede e o espaço, mas as relações que estão implicadas nestes entremeios. Antes de hospedarmos alguém em nossa casa, o hospedamos em nosso coração. E todos os indivíduos, em certo momento, em certa medida, foram o estranho, o intruso, ou seja, o outro, o estrangeiro a ser hospedado de algum modo.

Mas pensar em hospitalidade a partir das fronteiras de Mato Grosso do Sul é um processo quase que intrínseco levando em consideração a miscigenação de povos, etnias, culturas e línguas que perpassam essas fronteiras entre países tão diversos. Na fronteira sul-mato-grossense, mais precisamente na cidade de Dourados, o poeta Emmanuel Marinho escreve seus versos sobre si, sobre o outro, sobre a própria poesia e sobre o mundo. Grande parte de suas obras se compõem de escritas sobre o sujeito sul-mato-grossense e o indígena, ambos marginalizados, cada qual a seu modo, principalmente o indígena que ainda sofre com o preconceito e o desprezo da sociedade. Se para os sul-mato-grossenses, o preconceito vem de fora do Estado, o indígena sofre constantemente o estigma vindo de fora, mas também vindo de dentro do próprio lócus do qual faz parte. Portanto, pensar de onde Emmanuel Marinho pensa, a partir da fronteira do Estado de Mato Grosso do Sul e escrever a partir das

I Encontro de Pesquisas em Linguística e Literatura dos Programas de Pós-graduação em Letras da UEMS/CG – *Letras Compartilhadas*

sensibilidades que emergem deste biólócus particularmente subalterno e periférico, pede reflexões acerca da noção de hospitalidade e, muito além da noção apenas, também sobre como a hospitalidade, o ato de hospedar o outro e ser hospedado, se verifica de modo abstrato ou concreto nestas terras fronteiriças por excelência, o lugar de passagem, trânsito e (talvez) hospitalidade.

Este trabalho, portanto, tem por objetivo lançar olhares para algumas poesias de Marinho que representam os indígenas, observando como são colocados em cena e como a hospitalidade se concretiza ou não; como o preconceito, a desumanidade, as explorações e a insensibilidade minam a hospitalidade e se opõem à sua realização. Para (re)pensar sobre como se dá (ou não) o acolhimento do outro em solo fronteiriço realizar-se-á leituras de poemas das obras *Cantos de terra* (2016), *Satírico* (2017) e *Margem de papel* (2018) à luz de noções sobre “hospitalidade” no texto “Anne Dufourmantelle convida Jacques a falar da hospitalidade”, de Jacques Derrida (2003) e “O íntimo e o êxtimo”, de Juliano Garcia Pessanha (2018) de modo a pensar essa região sul-mato-grossense e as vidas e sensibilidades que dela emergem e nela sobrevivem.

2. *Hospitalidade: conceitos e pressupostos*

[...] o ser humano é um canal oco e penetrável e, se ele não for visitado e preenchido por hóspedes duradouros, pode ficar vazio e sem um dentro. O que chamamos de interioridade é o resultado de expropriações apropriadoras, mergulhos extáticos e gestos canibalizadores. (PESSANHA, 2018, p. 112)

Segundo o dicionário on-line Michaelis, “hospitalidade” é definida como: “1 o ato de hospedar 2 Qualidade de hospitaleiro 3 Bom tratamento; amabilidade, gentileza” (MICHAELIS, 2019, s/p). “Hospedar”, conforme o mesmo dicionário on-line, trata-se de “1 Receber ou dar hospedagem; dar pousada a, mediante pagamento ou não, em casa particular, hospedaria ou hotel [...] 2 Instalar(-se) como hóspede em alguma casa [...] 3 BIOL Parasitar (um organismo) em outro” (MICHAELIS, 2019, s/p).

Em todas as definições, de algum modo, há relação entre dois ou mais seres: a hospitalidade, o ato de hospedar, nunca é um processo solitário, precisa-se de um alguém que hospede e de outro alguém que seja hospedado. Nas interações mais profícuas e intrinsecamente hospitaleiras, ocorre um processo simbiótico, no qual o hóspede torna-se o hospedeiro, o hospedeiro o hóspede, invertem-se os papéis, confundem-se os jogos desta

I Encontro de Pesquisas em Linguística e Literatura dos Programas de Pós-graduação em Letras da UEMS/CG – *Letras Compartilhadas*

relação: na hospitalidade não importam tanto os papéis, quanto o ato em si de abrigar o outro dentro de sua casa e dentro de si. Assim, Jacques Derrida (2003) desconstrói essa hierarquia entre hospedeiro e hóspede:

[...] é como se o senhor estivesse, enquanto senhor, prisioneiro de seu lugar e de seu poder, de sua ipseidade, de sua subjetividade [...]. É mesmo o senhor, o convidador, o hospedeiro convidador que se torna refém – que sempre o terá sido, na verdade. E o hóspede, o refém convidado, torna-se convidador do convidador, o senhor do hospedeiro. O hospedeiro torna-se hóspede do hóspede. O hóspede torna-se hospedeiro do hospedeiro. (DERRIDA, 2003, p. 109).

Derrida (2003), aludindo às interpretações de Benveniste ressalta duas derivações latinas nas quais o “estrangeiro (*hostis*) [era] recebido como hóspede ou como inimigo” (DERRIDA, 2003, p. 41). Portanto, “estrangeiro” é derivação latina de *hostis*, recebido como hóspede ou como inimigo, significa então o hóspede, mas também o hostil, o inimigo. E a principal aproximação que pode existir entre todos os termos acima relacionados é o fato de que se referem ao Outro. O estrangeiro, o hóspede ou o inimigo não são dos meus, são todos estranhos a mim, estranhos a minha língua, ao meu país, aos meus familiares. Estranhos ao que me é familiar.

O crítico lembra também que a questão do lugar traz o reconhecimento de que somos, primeiramente, hóspedes. O lugar do âmbito da hospitalidade não pertence originalmente nem ao hospedeiro nem ao hóspede, mas a um núcleo invisível, intocável, que a partir do gesto hospitaleiro une um e outro – convidado e anfitrião – num amálgama profícuo. No terreno da hospitalidade o importante não são necessariamente os atores envolvidos, mas sim o “gesto pelo qual um oferece acolhida ao outro” (DERRIDA, 2003, p. 60). Ainda refletindo sobre a hospitalidade, diferenciou dois tipos: a hospitalidade absoluta ou incondicional, considerada rara, e a hospitalidade condicional, a mais comum. Conforme o filósofo:

[...] a hospitalidade absoluta exige que eu abra minha casa e não apenas ofereça ao estrangeiro (provido de um nome de família, de um estatuto social de estrangeiro, etc.), mas ao outro absoluto, desconhecido, anônimo, que eu lhe ceda lugar, que eu o deixe vir, que o deixe chegar, e ter um lugar no lugar que ofereço a ele, sem exigir dele nem reciprocidade (a entrada num pacto), nem mesmo seu nome. (DERRIDA, 2003, p. 23-25)

I Encontro de Pesquisas em Linguística e Literatura dos Programas de Pós-graduação em Letras da UEMS/CG – *Letras Compartilhadas*

Por um lado hospitalidade incondicional, por outro os direitos e deveres que condicionam a hospitalidade: “Uma requer, implica ou prescreve a outra”. (DERRIDA, 2003, p. 129). Sem querer nomes ou sobrenomes, Emmanuel Marinho, poeta sul-mato-grossense, nascido em Dourados, hospeda em si e nos seus livros, as personas fronteiriças e subalternas: o homem e a mulher sul-mato-grossenses, o indígena, a criança faminta, inclusive a própria poesia enquanto esse ser marginalizado, pouco hospedado por grande parte da humanidade. Como elucida Derrida (2003), damos a hospitalidade incondicional ao outro antes que ele se identifique. Só somos verdadeiramente hospitaleiros quando saímos da zona de conforto em querer hospedar conhecidos e passamos a hospedar aqueles que nunca antes cruzaram nossa fronteira ou, aqueles que, apesar de cruzarem e habitarem a mesma fronteira que a nossa, não haviam cruzado nossa existência: são desconhecidos, são o Outro. A hospitalidade será o espaço que fará com que conheçamos esse outro sem ao menos precisar perguntar seu nome.

Neste sentido, Derrida (2003, p. 4) afirma que “Um ato de hospitalidade só pode ser poético”. Essa atmosfera poética da hospitalidade metaforicamente se dá por meio do mergulho, da leitura e da aceitação do Outro. É na alteridade e pela alteridade que conseguimos ler o outro indivíduo, decifrá-lo, mas, principalmente, oferecer verdadeiro abrigo.

3. A hospitalidade (ou a falta dela) representada nos poemas emmanuelinos

Pensar de onde Emmanuel Marinho pensa – a partir da fronteira do Estado de Mato Grosso do Sul – e escrever a partir das sensibilidades que emergem deste lócus particularmente subalterno, pede reflexões acerca da noção de hospitalidade e, muito além da noção apenas, também sobre como a hospitalidade, o ato de hospedar o outro e ser hospedado, se verifica de modo abstrato ou concreto nestas terras fronteiriças e, intrinsecamente, “em estado/trânsito de hospedagem permanente” (NOLASCO, 2013, p. 121).

Nas fronteiras de Mato Grosso do Sul percebe-se a hospitalidade ou a escassez dela em diversas circunstâncias e para com diversas pessoas tendo em consideração a grande miscigenação de povos e culturas que existem e resistem neste espaço. Marinho, desde suas primeiras poesias escreveu suas percepções e indignações a respeito do descaso, da violência

I Encontro de Pesquisas em Linguística e Literatura dos Programas de Pós-graduação em Letras da UEMS/CG – *Letras Compartilhadas*

e da miséria que assolam o cotidiano de indígenas e, principalmente, a tensão entre o mundo indígena e suas inúmeras culturas e o mundo não indígena, no qual predomina o capitalismo, o egoísmo, a ganância e a reificação humana.

Se para os sul-mato-grossenses, o preconceito vem de fora do Estado, o indígena sofre constantemente a cisão e o estigma vindo de fora, mas também vindo de dentro do próprio lócus do qual faz parte. Como então os sul-mato-grossenses brancos, negros ou de outras etnias hospedam os indígenas? Como ocorre essa troca de hospitalidade e será que ocorre?

Como escreveu a professora Maria Saluê, no prefácio da obra *Satírico* (2017): “Emmanuel Marinho nasceu de pai, mãe e outras geografias”. Por esta característica, o poeta corresponde aos outros humanos da fronteira, com a marca indelével no próprio corpo de várias geografias nas quais estão incrustadas os seus arquivos e memórias subalternas constituídas tão embrionariamente de espaços, línguas e culturas tantas, que alguns assimilam e hospedam em si, naturalmente, a coexistência e a diversalidade de muitos mundos dentro de um único Estado, mas, por outro lado, outros agem com hostilidade e distância de qualquer algo que lhe pareça alheio.

Em seu poema “Genocídio”, Marinho traz uma pergunta que se repete e ecoa na mente do leitor do início ao fim da leitura: “Tem pão velho?”, este é o verso a partir do qual o poeta inicia sua conversa, na voz de uma criança, possivelmente uma criança indígena, e assim ele encerra ou deixa em aberto o poema, com a mesma pergunta. “Tem pão velho?”, Marinho questiona seu leitor. “Tem pão velho?”, a criança indígena questiona. Ao final do poema, podemos sentir a dúvida exalando de nossas mentes: “Temos pão velho?”, e se temos, quem tem o direito ou quem nós permitimos que coma do nosso pão e beba de nossa água? A quem recebemos com hospitalidade? Como é recebemos o estrangeiro? Abaixo o poema:

Genocídio

(crianças batem palmas nos portões)

tem pão velho?

não, criança

tem o pão que o diabo amassou

I Encontro de Pesquisas em Linguística e Literatura dos Programas de Pós-graduação em Letras da UEMS/CG – *Letras Compartilhadas*

tem sangue de índios nas ruas
e quando é noite
a lua geme aflita
por seus filhos mortos.

tem pão velho?
não, criança
temos comida farta em nossas mesas
abençoada de toalhas de linho, talheres
temos mulheres servis, geladeiras
automóveis, fogão
mas não temos pão.

[...]

tem pão velho?
não, criança
tem sua fome travestida de trapos
nas calçadas
que tragam seus pezinhos
de anjo faminto e frágil
pedindo pão velho pela vida
temos luzes sem alma pelas avenidas
temos índias suicidas
mas não temos pão.

tem pão velho?
não, criança
temos mísseis, satélites
computadores, radares
temos canhões, navios, usinas nucleares
mas não temos pão.

tem pão velho?
não, criança
tem o pão que o diabo amassou
tem sangue de índio nas ruas
e quando é noite
a lua geme aflita

I Encontro de Pesquisas em Linguística e Literatura dos Programas de Pós-graduação em Letras da UEMS/CG – *Letras Compartilhadas*

por seus filhos mortos.

tem pão velho?

(MARINHO, 2018, s/p)

Importante observar, primeiramente, o neologismo que o poeta criou ao amalgamar as palavras genocídio + índio, ou seja, o extermínio dos povos indígenas. Se na época do “descobrimento” do Brasil o genocídio foi explícito, na contemporaneidade, nos deparamos com um genocídio implícito, tão grave quanto o primeiro, pois há menos resistência quando tentam esconder de nós ao que temos que resistir. Os indígenas são invisíveis para a sociedade, logo, seus conflitos, suas culturas e tradições também o são.

No poema “Genocídio”, a hospitalidade não acontece, o que existe é a poesia que brota da esperança, é a utopia em busca da hospitalidade, mas, principalmente, em busca da sobrevivência, do escapar à morte para sobreviver o corpo finito que definha na fome.

A resposta para a pergunta “Tem pão velho” é sempre: “Não, criança”. Apesar de o eu lírico informar para a criança e para o leitor, que ele possui tecnologia, comida farta, mulheres servis, também diz não ter pão velho. Tudo o que a civilização industrializada e moderna possui, o eu lírico também possui, mas, contraditoriamente, não tem pão para a criança que passa fome. Falta a ele a hospitalidade para receber o desconhecido. Sobra em Marinho a hospitalidade ao enxergar o desconhecido e torná-lo mote, proposição e vida para suas poesias. Ainda de acordo com Derrida:

Porque para ser o que ela deve ser, a hospitalidade não pode pagar uma dívida, nem ser exigida por um dever: grátis, ela não ‘deve’ abrir-se ao hóspede nem ‘conforme o dever’, nem mesmo [...] por dever. Essa lei incondicional da hospitalidade, se se pode pensar nisso, seria então uma lei sem imperativo, sem ordem e sem dever. Uma lei sem lei, em suma. Um apelo que manda sem comandar. (DERRIDA, 2003, p. 73)

A hospitalidade incondicional deve, portanto, ser naturalmente natural. Vir sem deveres ou obrigações. Como o leitor e o pesquisador aceitam o espectro e os eu líricos de Marinho e os hospedam em suas leituras, escrituras e vidas: com a naturalidade que a poesia emana e permite.

O poeta finalizou o poema com a pergunta da criança: “tem pão velho?”, ou seja, a mesma estrofe que começou é a que termina, caracterizando um ciclo que constantemente

I Encontro de Pesquisas em Linguística e Literatura dos Programas de Pós-graduação em Letras da UEMS/CG – *Letras Compartilhadas*

volta a se repetir, infinitamente, dando a forma de um poema cíclico, que começa na pergunta da criança e retorna à mesma pergunta, como se a vida deste indivíduo é, e talvez sempre seja, pedir pão velho. Do mesmo modo que o pequeno ser começa, ele termina e, pelas respostas anteriores, sabemos qual será a próxima resposta a esta pergunta: “não, criança”.

O poema “ÍNDIA VELHA” as perguntas também ecoam do início ao fim, mas aqui não é a indígena que fará a pergunta e sim o eu lírico do qual não sabemos a etnia:

ÍNDIA VELHA

ÍNDIA VELHA
TE LEMBRAS DO CHEIRO
VERDE
NA FONTE LIMPA
ONDE SE MATAVA A
SEDE
ÁGUA BOA DE BEBER?

ÍNDIA VELHA
TE LEMBRAS
DO TEU TEMPO DE
CRIANÇA
TINHA FESTA E TINHA
DANÇA
PRA CHOVER?

ÍNDIA VELHA
TE LEMBRAS DO
PRIMEIRO
DO SEGUNDO
DO TERCEIRO BRANCO
QUE CHEGOU
TE LEMBRAS?

TE LEMBRAS
QUANDO TU ANDAVAS
NUA?
OLHA A COR DO TEU

I Encontro de Pesquisas em Linguística e Literatura dos Programas de Pós-
graduação em Letras da UEMS/CG – *Letras Compartilhadas*

VESTIDO
ENCARDIDO
QUANDO ANDAS PELA
RUA.
TE LEMBRAS?

TE LEMBRAS DE TEUS
COLARES
TEUS CANTARES
TEUS AMORES
A LUA CHEIA
LENÇÓIS DE FLORES NA
ALDEIA
TE LEMBRAS?

ÍNDIA VELHA
TE LEMBRAS
DOS PÉS PISANDO NO
MATO?
OLHA A COR DO TEU
SAPATO
PISANDO ASFALTO E
AREIA.

ÍNDIA VELHA
TE LEMBRAS
TANTOS BRANCOS QUE
CHEGARAM
TANTOS
QUE ATÉ PERDESTES AS
CONTAS
E AS CONTAS DOS TEUS
COLARES
HOJE ANDAS TONTA NOS
BARES
E É TÃO GRANDE A DOR
QUE SENTES
E QUE O AMOR DE TUA
GENTE

I Encontro de Pesquisas em Linguística e Literatura dos Programas de Pós-graduação em Letras da UEMS/CG – *Letras Compartilhadas*

FOI JUNTO AO RIO
FOI JUNTO AO RIO
POR ONDE OS BRANCOS
CHEGARAM.
TE LEMBRAS?

TE LEMBRAS?
(MARINHO, 2016, p. 25-26)

“Te lembrás?” pergunta o eu lírico para a índia velha, insistindo para que esta se recorde do seu passado antes da colonização, sem dores e preconceitos, com a presença da natureza em sua origem e essência; seu passado após a chegada dos brancos, já com as marcas dos processos de industrialização e modernização das cidades e das vidas, com asfaltos e ruas; e o seu presente, tonta nos bares, sentindo saudades de um tempo que já se foi e que nunca mais retornará. O mesmo rio que carregou o amor de tua gente foi o rio pelo qual os brancos chegaram. Apesar de terem sido recebidos com hospitalidade pelos indígenas, os brancos não eram apenas os hóspedes estrangeiros, eles eram os inimigos e, neste ponto, cabe muito bem a observação de Benveniste: hóspede = estrangeiro ou inimigo. No caso dos indígenas, antes dos colonizadores eles eram os anfitriões destas terras. Eles hospedaram os inimigos que vieram a se tornar os donos, os proprietários. Inclusive, não apenas o espaço, mas os indígenas, por muitos anos, perderam a posse e o direito sobre os próprios corpos durante a escravidão e, ainda hoje, indígenas são tratados como crianças que devem ser vigiadas e controladas.

No poema “Canto para um povo sem terra”, Marinho, por via da escrita, tenta distrair a finitude e a violência que pode destruir e apagar o corpo indígena. O poeta traz novamente o eu lírico indígena que clama e discursa sobre a sua condição e a de seu povo:

[...]
Já perdemos filhos, companheiros
Andamos sem rumo pelas estradas
e muitas vezes somos ignorados.
A dor lavrou marcas em nossas faces
nos ameaçam/ nos violentam num cotidiano de espera
e a justiça é uma palavra apodrecida nas gavetas.

I Encontro de Pesquisas em Linguística e Literatura dos Programas de Pós-graduação em Letras da UEMS/CG – *Letras Compartilhadas*

Nossa única arma
é lutar por essa terra justa
prometida em estatutos, revoluções
discursos e ministérios.
[...]
(MARINHO, 2017, s/p)

A dor marca o corpo indígena. A dor marca o corpo subalterno e fronteiriço. A dor marca Emmanuel Marinho. A justiça, quando se trata dos povos indígenas é apenas um significante, sem significado. Um signo vazio, oco. O boneco de Adão, esperando o sopro vivificador:

Deus aparece em primeiro momento como um ceramista que produz um boneco oco. Apenas em um segundo tempo, revela-se que o oco, a natureza vascular de Adão, constitui-o em canal para um inspirador. Deus sopra nas narinas de Adão e, do ponto de vista desse pacto pneumático, Deus também depende da animação do insuflado para se animar. (PESSANHA, 2018, p. 111)

“Apodrecida nas gavetas” (MARINHO, 2017) ou “um boneco oco” (PESSANHA, 2018), a justiça, referindo-se à maioria da população brasileira, principalmente ao indígena, é apenas uma palavra, sem a ação, muito utilizada em discursos, mas pouco praticada.

O indígena é aquele que pede hospitalidade quando o lugar deveria ser dele por direito. Segundo Nolasco, no capítulo “A razão pós-subalterna da crítica latina”:

O povo indígena endossa o coro dos descontentes, esquecidos e injustiçados indivíduos da fronteira-Sul, sobre os quais só se pode falar com base num discurso da hospitalidade (DERRIDA), porque até no campo da hospitalidade condicional, regida pela lei e pela política (do estado), o direito desse sujeito-fronteira é vilipendiado. A zona de fronteira aqui em debate, talvez por sua condição mesma de liminaridade, encontra-se aberta para uma prática de hospitalidade que é, ao mesmo tempo, hospitaleira e hostil. (NOLASCO, 2013, p. 125)

Os indígenas, assim como Marinho, sobreviventes da fronteira-sul, resistem permeados por gestos de hospitalidade. Poucos são os gestos de hospitalidade incondicional. Deslocados na fronteira concreta e abstrata, os indígenas, assim como “os exilados, os deportados, os expulsos, os desenraizados, os nômades, têm em comum dois

I Encontro de Pesquisas em Linguística e Literatura dos Programas de Pós-graduação em Letras da UEMS/CG – *Letras Compartilhadas*

suspiros, duas nostalgias: seus mortos e sua língua” (DERRIDA, 2003, p. 79). A língua materna funciona para estes, assim como para qualquer ser marginalizado e fronteiro, como a última pátria, a última morada como diria Derrida (2003). Se o indígena não possui mais suas terras que são deles por direito, a língua materna será o vínculo primordial com sua etnia e herança, o locus linguístico, cultural e afetivo no qual poderão se situar, o traço que não o abandonará.

Neste sentido, recorremos a Derrida, quando o teórico discute sobre a língua como aquele lar que não nos abandona:

Porque isto que não me deixa, a língua, é também, na realidade, na necessidade, para além do fantasma, isto que não cessa de partir de mim. A língua só é a partir de mim. Ela é também isso de onde parto, me para e me separa. É o que se separa de mim partindo de mim. (DERRIDA, 2003, p. 81-83)

Para além da fronteira e do não-lugar que põe à margem, a língua é o nosso lar. Habitamos o útero de nossa mãe e, desde essa primeira morada, aprendemos a habitar na língua e a partir da língua. A língua materna sempre a nos confortar como abraço de mãe, como o retorno à terra natal.

Para Mignolo, no capítulo “Desobediência epistêmica, pensamiento independiente y liberación descolonial” (2001), falar uma língua significa carregar o peso de uma civilização. Assim, a língua e a linguagem e o corpo do indígena e dos sul-mato-grossenses são subalternos. Os conhecimentos e experiências de sobreviventes subalternos os colocam em desvantagem como esclarece Mignolo, não apenas porque o centro lhes considera inferiores e apenas objetos e não produtores de saberes, mas, inclusive, porque serão menos escutados, lidos e compreendidos quando se puserem a falar/escrever em sua língua pátria.

Marinho, os indígenas, os sul-mato-grossenses, enquanto sujeitos subalternos da fronteira-sul podem e devem se comprometer, constantemente, com a desobediência epistêmica (MIGNOLO, 2001), para descolonizarem os conhecimentos coloniais e mostrarem que a periferia da periferia, que a fronteira da fronteira e que à margem da margem, os subalternos, periféricos, marginalizados e fronteiros por excelência, produzem saberes. Devem priorizar uma episteme fronteira que se engendra a partir do corpo e das experiências e conhecimentos via as sensibilidades biolocalis da fronteira. Marinho, os indígenas, os sul-mato-grossenses e tantos outros humanos-fronteira sentem na pele,

I Encontro de Pesquisas em Linguística e Literatura dos Programas de Pós-graduação em Letras da UEMS/CG – *Letras Compartilhadas*

transpõem do corpo para a voz e a escritura o que é ser, padecer e sobreviver na fronteira da fronteira-sul.

4. Conclusão

Nas fronteiras do Mato Grosso do Sul, Marinho representa em seus versos as desumanidades que presencia em sua cidade de Dourados, mas que se estendem a todo o território nacional, quiçá, mundial: o preconceito e as desigualdades aos quais os indígenas são submetidos.

Em nossas sociedades, tão egoisticamente desprovidas de alteridade e de respeito para enxergar o próximo e também para enxergar a dor alheia, são necessários não apenas estudos, mas também atos de hospitalidade. Estes atos hospitaleiros estão submersos e desaguam no rio de poesias de Marinho. Ao escrever sobre as hostilidades que perpassam a vida do indígena, o poeta realizou um ato de hospitalidade, por excelência.

Seus poemas nos trazem um novo modo de ver o mundo mas, principalmente, de enxergar o outro, de ser o outro, vestir sua pele e sentir como é ser, padecer e sobreviver no corpo fronteiriço do indígena sul-mato-grossense.

Referências

DERRIDA, Jacques. *Anne Dufourmantelle convida Jacques a falar da hospitalidade*. São Paulo: escuta, 2003.

DICIONÁRIO MICHAELIS (on-line). Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/busca?id=RQQBG>>. Acesso em: 04 out. 2019.

MARINHO, Emmanuel. *Cantos de Terra*. 2. ed. Campo Grande, MS: FCMS, Coleção artesanal, 1983.

_____. *Margem de papel*. 1. ed. Dourados, MS: Seriema, 2018.

_____. *Satírico*. 1. ed. Dourados, MS: Seriema, 2017.

MIGNOLO, Walter. Desobediencia epistémica, pensamiento independiente y liberación descolonial. In: _____. *El vuelco de la razón*. Buenos Aires, 2001, p. 153-186.

I Encontro de Pesquisas em Linguística e Literatura dos Programas de Pós-graduação em Letras da UEMS/CG – *Letras Compartilhadas*

NOLASCO, Edgar César. Memórias subalternas latinas. In: _____. *Perto do coração selvaje da crítica fronteiriza*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013, p. 131-159.

PESSANHA, Juliano Garcia. O íntimo e o êxtimo. In: _____. *Recusa do não-lugar*. São Paulo: Ubu Editora, 2018, p. 110-141